

**USOS DE *MEIO QUE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:
DESLIZAMENTOS FUNCIONAIS**

Ilana Guimarães de Souza (UNEB)

ilanaguimaraes@hotmail.com

Cristina dos Santos Carvalho (UNEB)

crystycarvalho@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo objetiva analisar a construção *meio que* e seus deslizamentos funcionais no português brasileiro contemporâneo. O estudo é feito à luz de pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (MARTELOTTA, 2011, BYBEE, 2016 [2010], ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016 etc.). Com base nessa perspectiva, observa-se que *meio que* passa por processos de deslizamentos funcionais. Dependendo do contexto linguístico em que se encontra, *meio que* pode acionar os valores de parcialidade (espacial), comparação hipotética e atenuação/modalização. O *corpus* da pesquisa é constituído de textos do português brasileiro do século XXI, integrantes do banco de dados *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006). Quanto à abordagem, a pesquisa é realizada em viés qualitativo: os dados levantados são analisados, relacionando os usos encontrados à sua função discursivo-pragmática, visando à descrição dos contextos de uso. Os resultados preliminares demonstram uma tendência à abstratização semântica da construção investigada: são mobilizados valores que vão de um domínio cognitivo mais concreto (*meio que* empregado como indicador de parcialidade espacial) para um domínio cognitivo mais abstrato (*meio que* usado com função modalizadora/atenuadora).

Palavras-chave:

Abstratização semântica. Deslizamentos funcionais. *Meio que*.

ABSTRACT

This article aims to analyse the construction *meio que* and its functional shifts in contemporary Brazilian Portuguese. The study is conducted in light of the principles of Usage-Based Functional Linguistics (MARTELOTTA, 2011, BYBEE, 2016 [2010], ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, etc.). Based on this perspective, it is observed that *meio que* undergoes functional shifts. Depending on the linguistic context in which it is found, *meio que* can activate the values of partiality (spatial), hypothetical comparison, and attenuation/modalization. The research corpus consists of texts from 21st-century Brazilian Portuguese, which are part of the Portuguese Corpus Database (DAVIES; FERREIRA, 2006). Regarding the approach, the research is conducted qualitatively: the collected data is analyzed by relating the identified usages to their discursive-pragmatic function, aiming to describe the motivating contexts for these usages. Preliminary results demonstrate a tendency toward the semantic abstraction of the investigated construction: it mobilizes values that range from a more concrete cognitive domain (used as an indicator of spatial partiality) to a more abstract cognitive domain (used with modalizing/attenuating function).

Keywords:

Functional shifts. *Meio que*. Semantic abstraction.

1. Introdução

A língua manifesta fenômenos da sociedade e atua sobre ela como ferramenta de leitura de mundo. De acordo com Martelotta (2011, p. 64), “a gramática é um fenômeno sociocultural, o que sugere que sua estrutura e sua regularidade vêm do discurso, sendo moldadas em um processo contínuo”. Nessa perspectiva, é importante analisar de que maneira os fenômenos linguísticos podem refletir comportamentos e pensamentos de uma dada sociedade e como a emergência de novas expressões da língua podem operar sobre os seus falantes.

Alguns estudos sobre *meio que* (Cf. LIMA, 2016, LIMA; SOUSA; SILVA, 2017 etc.) têm explicado a emergência dessa construção a partir da abordagem clássica da gramaticalização: considera-se que houve uma mudança, mais precisamente uma gramaticalização, da locução [meio + que] em um dado contexto linguístico. Nos termos de Nogueira (2019, p. 278), “*meio* compõe, ao juntar-se à partícula *que*, uma locução e sinaliza uma avaliação com certo grau de imprecisão. Funcionaria como um evidencial na situação comunicativa”. Ainda sobre essa questão, Lima, Sousa e Silva (2017, p. 70) acrescentam que, com a gramaticalização, em usos de *meio que* associados a adjetivos, os falantes, por meio dessa locução, “tentam-se desvincular do que sustentaram e do compromisso com adjetivos de sentido robusto”.

Tendo em vista as considerações acima, este artigo se debruça sobre a construção *meio que*, cujo emprego tem, do ponto de vista semântico-pragmático, um papel importante na relação entre quem diz e o que é dito, desempenhando uma função subjetiva nas interações comunicativas. Nessa direção, este texto visa a analisar usos da construção *meio que* em dados empíricos do português brasileiro do século XXI. Para tanto, tomam-se como base os fundamentos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU).

Com o intuito de contemplar a descrição de *meio que*, este texto está dividido em cinco seções, além desta introdução. Inicialmente, comentam-se alguns estudos anteriores sobre a construção *meio que* (Cf. LIMA, 2016, LIMA; SOUSA; SILVA, 2017; NOGUEIRA, 2019). Posteriormente, faz-se uma breve exposição de alguns conceitos e pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso. Em seguida, explicitam-se aspectos metodológicos da pesquisa. Logo após, apresenta-se uma análise dos dados levantados para a pesquisa, destacando os padrões de

uso de *meio que*. Por fim, expõem-se as considerações obtidas a partir da análise e as referências utilizadas no trabalho.

2. Estudos sobre “*meio que*”

Pesquisas sobre a construção *meio que* já foram desenvolvidas sob o prisma funcionalista (tanto na fase clássica como na contemporânea), em alguns casos, conjugando esse modelo a outras perspectivas teóricas. Aqui serão comentados os estudos dessa construção realizados por Lima (2016), Lima, Sousa e Silva (2017) e Nogueira (2019). Nesses estudos, foi comum a constatação de que há uma forte vinculação entre os itens *meio* e *que*, encontrados juntos com alta frequência nas referidas pesquisas.

Lima (2016), em um estudo diacrônico, analisa os usos de *meio que* no vernáculo de Vitória da Conquista-BA. Sob o viés sociofuncionalista, a autora entende que o item *meio* passou por um processo de gramaticalização e indica *meio que* como uma de suas formas mais gramaticalizadas, ressaltando o efeito semântico de “abrandamento da informação”:

Ao mesmo tempo que desempenha funções gramaticais, substantivo, adjetivo, numeral e advérbio, o item *meio* exerce um papel ainda mais gramatical na formação de *meio que*, uma expressão que articula texto e cujo emprego evoca certo abrandamento do sentido da informação. (LIMA, 2016, p. 89)

Lima, Sousa e Silva (2017) analisam *meio que* sob a perspectiva do funcionalismo norte-americano e da abordagem da gramaticalização. Explicam que, ao passar pelo processo de gramaticalização, *meio que*:

[...] ganha propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas e desempenha um papel importante no discurso, visto que é portadora da ideia ou do sentimento de incerteza. O falante consegue, portanto, transcender a finalidade de ser mais expressivo e amplia, ao máximo, a aparente necessidade de quebra de clareza do pensamento. (LIMA; SOUSA; SILVA, 2017, p. 74)

Com base em pressupostos teóricos da gramaticalização e lançando mão de conceitos da abordagem construcional, Nogueira (2019) faz uma análise de estratégias de imprecisão, observando o funcionamento das construções *quase*, *meio*, *um pouco* e *tipo*. No estudo, em que descreveu usos linguísticos de 32 crianças bilíngues do Brasil, da Alemanha e da Suíça, a autora sinaliza que reconhece “um espectro funcional de

imprecisão em graus de abstratização distintos” (NOGUEIRA, 2019, p. 106) e exemplifica diferenças de usos entre *meio* e *meio que*.

A pesquisa detalha dez diferentes padrões funcionais para os usos de *meio*, a partir da análise dos escopos sob os quais a expressão atua, tais como verbos, substantivos, locuções adverbiais ou até mesmo orações inteiras. De acordo com a pesquisadora, o item *meio* apresenta-se mais associado à categoria cognitiva *qualidade*, enquanto *meio que* remete à categoria *avaliação*, tomando como referência o *continuum* de categorias cognitivas proposto por Lima-Hernandes (2010, p. 89, *apud* NOGUEIRA, 2010, p. 97): corpo > pessoa > objeto > (atividade) > espaço > tempo > processo > qualidade > avaliação⁴¹.

Ainda a respeito de *meio que*, Nogueira (2019, p. 279) defende a alta complexidade da construção em relação às demais pesquisadas, citando subprincípios postulados por Givón (2009):

De acordo com o subprincípio da quantidade (GIVÓN, 2009), quanto mais forma é colocada sintaticamente, mais complexos são os itens em suas funções sintática, semântica e pragmática. E essas são reflexos da cognição. Além disso, como também já mencionado, quanto mais forma for inserida entre dois itens, afastando-os sintaticamente, mais distantes estarão também cognitivamente, como postulado pelo subprincípio da distância (*idem*). Portanto, dentre os padrões funcionais de *meio* na amostra desta pesquisa, *meio que* é um dos mais complexos. (NOGUEIRA, 2019, p. 279)

Apesar de Nogueira (2019) fazer uso também de conceitos da abordagem construcional para descrever o percurso de gramaticalização de *meio que*, a perspectiva teórico-metodológica da gramaticalização foi a escolhida pelos autores aqui citados, que demonstraram o caráter mais gramaticalizado da construção. Esses resultados confirmam a existência de novos padrões de uso para *meio que*.

3. Linguística funcional centrada no uso: pressupostos teóricos

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) é uma corrente teórica que associa postulados do Funcionalismo norte-americano e da Linguística Cognitiva. A perspectiva cognitivo-funcional acrescenta à visão funcionalista a abordagem construcional da gramática, na qual, se-

⁴¹ Como bem lembra Nogueira (2019), o *continuum* proposto por Lima-Hernandes (2010) se baseia no estudo crítico do *continuum* de categorias cognitivas estabelecido por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991): pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade.

gundo Traugott e Trousdale (2021 [2013], p. 25), “a língua é conceitualizada como sendo constituída de pareamentos de forma-significado, ou ‘construções’ organizadas em rede”. Esse conceito de construção é explicado por Bispo e Lopes (2022), como

[...] uma entidade abstrata, uma generalização com base em instâncias de uso da língua em práticas interacionais. Associadas à construção estão as noções de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, as quais são tomadas como propriedades daquela. Esses conceitos têm natureza operacional, pois são utilizados para a análise de padrões linguísticos, em termos de sua caracterização formal e de sua descrição funcional. (BISPO; LOPES, 2022, p. 2)

Em outras palavras, para a LFCU, a língua é vista como uma “rede de construções”, e a construção gramatical é vista como o “pareamento convencionalizado de sentido e forma como esquema simbólico a partir do qual são instanciados todos os componentes da gramática” (Cf. GOLDBERG, 1995, 2006 *apud* ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 239). Dessa forma, o sentido construcional é maior do que a simples soma dos sentidos reconhecíveis em seus componentes isoladamente, de modo que não se observam apenas os itens específicos, mas a vinculação entre as partes, assim como parece ocorrer com os itens da construção *meio + que*.

Além da noção de construção, a LFCU assume como um dos seus pressupostos básicos o de que a gramática de uma língua emerge do uso, sendo, portanto, resultado de modelos convencionalizados baseados na interação entre linguagem, cognição e contexto comunicativo. Com base nisso, refuta-se a existência de regras gramaticais fixas, já que se considera que a gramática é uma estrutura em constante mutação, e ganham destaque as propriedades contextuais e sua relação com processos cognitivos, pois

São levados em conta, na análise das línguas, aspectos relacionados a restrições cognitivas que incluem a captação de dados da experiência, sua compreensão e seu armazenamento na memória, assim como aspectos associados à capacidade de organização, acesso, conexão, utilização e transmissão adequada desses dados. Mas é importante entendermos que esses aspectos de ordem cognitiva só se materializam na interação, ou seja, não refletem apenas o funcionamento de nossa mente como indivíduos, mas como seres inseridos em um ambiente cultural. (MARTELOTTA, 2011, p. 56)

Outra discussão importante para a perspectiva teórica da LFCU é a abordagem sobre o antigo binômio *função x forma*. Enquanto, nas décadas iniciais do Funcionalismo, havia predominância da função sobre a forma, a abordagem atual integra ambas, reconhecendo que propriedades funcionais e formais se influenciam mutuamente (Cf. ROSÁRIO; OLIVEIRA,

2016). Nos termos dos autores, a LFCU, em vez de considerar a função como o único motivador do uso linguístico, destaca a correlação entre aspectos funcionais e formais na origem e na estabilização das categorias linguísticas, o que equilibra os eixos relativos ao sentido e à estrutura, obtendo-se a direcionalidade *função* ↔ *forma*. Isso amplia a importância da forma e contribui para maior rigor e controle na pesquisa funcionalista, enfocando a explicitação e descrição desses aspectos.

A fim de desenvolver com precisão a empreitada investigativa aqui proposta, reconhece-se a perspectiva cognitivo-funcional como a mais adequada para se obterem resultados consistentes quanto à análise da construção *meio que*. Nessa interface, a visão mais holística da língua permite a detecção de propriedades mais gerais tanto de estrutura quanto de sentido, já que

Um foco nesses processos dinâmicos que criam a língua também nos permite ir além de um foco de atenção exclusivo nas estruturas linguísticas e formular um objetivo mais amplo: derivar a estrutura linguística a partir da aplicação de processos de domínio geral. Nesse contexto, processos de domínio geral seriam aqueles que se podem mostrar operantes em outras áreas da cognição humana que não a da linguagem. (BYBEE, 2016 [2010], p. 18)

Entre os processos cognitivos que atuam sobre a linguagem, destaca-se o *chunking*, “responsável pela formação de estruturas mais complexas a partir de sequências de elementos que frequentemente coocorrem” (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 32). Sobre essa questão, Bybee (2016 [2010]) salienta:

A principal experiência que aciona o *chunking* é a repetição. Se dois ou mais *chunks* menores ocorrem juntos com certa frequência, um *chunk* maior contendo os menores se forma. É uma propriedade tanto da produção quanto da percepção e contribui significativamente para a fluência e a desenvoltura nas duas modalidades. Quanto mais a sequência puder ser acessada junta, tanto mais fluente a execução, e a compreensão ocorrerá mais facilmente. (BYBEE, 2016 [2010], p. 65)

Nesse contexto, a LFCU propõe uma visão mais ampla, derivando a estrutura linguística a partir de processos cognitivos de domínio geral, como o *chunking*, que desempenha um papel fundamental na formação de estruturas linguísticas mais complexas. Assim, ao adotar essa perspectiva, a análise da construção *meio que* ganha em precisão, permitindo a investigação aprofundada das propriedades gerais tanto de estrutura quanto de sentido, evidenciando o dinamismo e a interação intrínseca entre linguagem, cognição e contexto comunicativo.

4. Aspectos metodológicos

Neste trabalho, os excertos analisados foram colhidos do banco de dados *Corpus* do Português (Cf. DAVIES; FERREIRA, 2006), disponível em <https://www.corpusdoportugues.org>, e mais especificamente da interface *Now*. Nesse caso, selecionaram-se apenas textos representativos do português brasileiro contemporâneo do século XXI.

Quanto à abordagem, a pesquisa é realizada em viés qualitativo: os dados levantados são analisados, relacionando os usos encontrados à sua função discursivo-pragmática, visando à descrição dos contextos de usos.

Na análise, foram desconsiderados os casos em que *meio + que* não correspondem a um bloco único (*chunk*), ou seja, as ocorrências de *meio* como substantivo e *que* como pronome relativo, conforme se verifica a seguir:

(01) A sessão começou na manhã desta terça-feira, 25, e terminou neste início de noite. Foram reconhecidas as qualificadoras do motivo fútil e do uso de **meio que** impossibilitou a defesa da vítima. Lima atacou Marcondes com um pedaço de pau no dia 1º de janeiro de 2018, em Penha. (<https://omunicipio.com.br/justica-condena-jovem-que-matou-professor-indigena-21-anos-de-prisao/>)

Como se verá na próxima seção, a proposta aqui é distinguir efeitos semânticos de *meio que*, tomando como base a avaliação dos sentidos dos escopos sob os quais a construção atua, bem como do contexto mais amplo do dado.

5. Análise de dados

No *corpus* examinado, foram encontrados os seguintes valores semânticos para *meio que*: (a) parcialidade espacial; (b) comparação hipotética e (c) modalização/atenuação. Tais valores serão explicados e ilustrados nas seções subsequentes deste trabalho.

5.1. Parcialidade espacial

Os excertos aqui indicados representam a noção de parcialidade espacial, rótulo usado para designar as situações em que *meio que* representa um espaço pela metade, ou não plenamente ocupado, como se percebe em (02) e (03):

(02) A nossa amiga Phoebe nem acordou. Quando a luz estava acesa e tal, eu meio que fiquei um tempo olhando pra ela. Ela estava ali deitada dormindo, com o rosto **meio que** na lateral do travesseiro. Estava com a boca bem aberta. É engraçado. Você veja lá os adultos, eles ficam com uma cara nojenta quando estão dormindo de boca aberta, mas criança não. (<https://estadodaarte.estadao.com.br/>)

(03) Porque as pessoas não tinham ideia do que estava acontecendo, mas em todos os lugares era um milhão de coisas diferentes. Estava **meio que** em um canto, batendo a cabeça contra a parede. Não sabia para onde ir. Estou tão exausta. Sinceramente, está tudo acabado. Eu me preocupo com a saúde e bem-estar dele. Mas eu não consigo mais fazer isso. (<https://ne10.uol.com.br/canal/entretenimento/celebridades/noticia/2016/08/08/selena-gomez-diz-que-gostaria-de-namorar-um-homem-discreto-630631.php>)

Em (02), o *meio que* refere-se à locução adverbial *na lateral do travesseiro*, que denota um sentido de lugar, espaço físico em que se encontra o rosto da menina Phoebe. Com a presença do *meio que*, é notado que o rosto não estava completamente na lateral do travesseiro, mas apenas uma parte dele.

Situação semelhante ocorre em (03), porque, novamente, o *meio que* está associado a uma locução adverbial que remete ao sentido de lugar, neste caso, a expressão “em um canto”. Reconhece-se que a pessoa que produz o relato não quis afirmar categoricamente que estava totalmente em um canto, mas parcialmente.

5.2. Comparação hipotética

Diferentemente da noção de parcialidade espacial – segundo a qual as ações, de fato, ocorrem, ainda que parcialmente –, sob a designação “comparação hipotética”, não há ocorrência “em parte”, mas o uso de uma possível imprecisão vocabular. Para confirmar o uso desse rótulo, foram selecionados casos em que fosse possível fazer a permuta com a expressão “como se fosse”. Assim, os excertos a seguir implicitamente demonstram uma possível comparação entre termos.

(04) Há quase dois anos, Ana e a família (o marido também indigenista) voltaram a Belo Horizonte, sua cidade natal, morando no sexto andar de um edifício de 24. Por mais de dez anos, ela alternou sua estadia entre Boa Vista, em Roraima, e as aldeias. Loirinho dos olhos azuis, Lino era

meio que um “Etzinho”, carinhosamente levado de colo em colo pelas mulheres ianomâmis, que o adoravam. Acostumado à natureza, ele gosta de ir ao sítio da avó ou passear no jardim da bisa. (<https://www.otempo.com.br/opiniaio/laura-medioli/as-diferencas-do-mundo-1.2199704>)

(05) São os franceses que conduzem a agricultura para o restante da comunidade. Embora o setor constitua uma parcela muito pequena do PIB do país, eles o consideram **meio que** uma cláusula pétreia. É uma questão não só de segurança alimentar, mas ambiental, tem um peso político. (<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/06/28/acordo-com-uniao-europeia-tira-mercosul-de-isolamento-entenda.ghtml>)

Analisando (04), não se pode afirmar que Lino era *parcialmente* um “etzinho”, diferentemente de (02), em que é possível dizer que Phoebe tinha o rosto *parcialmente* no travesseiro. O exemplo (04) demonstra bem o que já haviam constatado Lima, Sousa e Silva (2017), quando descreveram usos em que o falante se desobriga do compromisso com o que diz. No caso em análise, a expressão *etzinho* poderia soar pejorativa ao se atribuir a uma criança, mas que acabou sendo usada diante da falta de um termo melhor no momento da fala, o qual pudesse trazer sentidos associados à ideia de “diferença” ou “estranheza”.

Também em (05), a expressão *cláusula pétreia* não deve ser compreendida em sua totalidade ou em sua parcialidade semântica, mas como uma comparação hipotética, até mesmo uma analogia, demonstrando, mais uma vez, uma imprecisão vocabular.

5.3. Modalização/atenuação

Aqui foram considerados os casos em que não há imprecisão vocabular nem parcialidade entre as ações (que não podem ocorrer parcialmente), mas apenas o distanciamento entre o emissor e o que ele diz. Com esse uso de *meio que*, o enunciador expõe uma ação que não é concebível em partes como se verifica em:

(06) Também sabíamos que Tom era um grande fã dele, e acho que no primeiro ou segundo dia de filmagem, Tom veio pra mim e disse, ‘Sabe, no ano passado eu **meio que** escrevi essa lista de desejos de tudo que eu queria realizar’, e o empresário dele o incentivou a colocar pessoas com quem ele queria trabalhar. E o primeiro nome que ele escreveu foi Jake Gyllenhaal. (<https://observatoriodocinema.uol.com.br/filmes/2019/06/che-fe-da-marvel-realizou-desejo-de-tom-holland-em-homem-aranha-2>)

(07) Meu pai e minha mãe me criaram falando sempre a verdade, mesmo sobre assuntos delicados. Tenho isso com a minha filha também. Sua separação teve a ver com isso? Hoje vocês se dão bem? Teve. A partir do acidente dos dentes, a Nina *meio que* desistiu. Não vou culpar o alcoolismo por o casamento ter acabado, ia acabar de qualquer forma. Mas contribui para que o término não fosse saudável e honesto. Hoje, ela é uma grande amiga e parceira, tem orgulho da minha força de vontade. (<https://oglobo.globo.com/cultura/estou-limpo-ha-sete-meses-diz-ex-baterista-de-caetano-veloso-23762803>)

Comparando-se os exemplos expostos como representativos de modalização/atenuação e os demais rótulos aqui empregados, nota-se que não se pode afirmar que *meio que* foi usado para indicar que a ação de escrever aconteceu parcialmente: a lista foi escrita (há até referência a um nome presente nela), a ação de escrever ocorre plenamente, ainda que o enunciador pareça querer atenuar essa informação. Assim também ocorre com “a nina *meio que* desistiu”. Percebe-se, pela análise do trecho, que houve uma desistência real, inclusive incitada por um marco descrito: “o acidente com os dentes”. Com o uso de *meio que*, o sentido do verbo “desistir”, no entanto, é atenuado.

6. *Considerações finais*

A frequência de uso e os distintos papéis semânticos demonstram indícios de deslizamentos funcionais de *meio que*, já que se constata em suas funções cognitivas.

Tomando-se como referência o *continuum* de categorias cognitivas proposto por Lima-Hernandes (2010) e referenciado por Nogueira (2019), o qual propõe a categorização de padrões funcionais de mais concretos a mais abstratos – corpo > pessoa > objeto > (atividade) > espaço > tempo > processo > qualidade > avaliação –, foi verificada, neste estudo, tendência à abstratização semântica de *meio que*, partindo-se de uma categoria cognitiva mais concreta, como *espaço* (parcialidade espacial) a categorias mais abstratas, como operador comparativo (comparação hipotética) e como um modalizador (atenuação/modalização), esses últimos compreendidos como pertencentes à categoria *avaliação*. Além disso, a forte vinculação entre as partes da construção [meio+que], bem como o alto grau de encaixamento na gramática da língua apontam para a emergência, no português brasileiro, de um *chunk* (BYBEE, 2016 [2010]) com diferentes padrões funcionais.

Tendo em vista a relação entre discurso e gramática, entende-se, a partir da análise de *meio que* aqui empreendida sob a perspectiva teórica da LFCU, a relevância de se descrever de que maneira as construções linguísticas podem ser acionadas para diferentes usos, funcionando como estratégias interacionais em contextos comunicativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISPO, E. B.; GUIMARÃES LOPES, M. Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação. *Revista Odisseia*, v. 7, n. Especial, p. i-x, [S.l.], 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/28489>. Acesso em: 31 out. 2023.

BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. Trad. de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. *Corpus do Português*. 2006. Disponível em: <http://www.corpusdportugues.org>. Acesso em: 13 out. 2023.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M.M.; FURTADO DA CUNHA, M.A. (Orgs). *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-39

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friedderike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago e London: The University of Chicago Press, 1991.

LIMA, Gilsleide Cristina Barros. De *meio a meio que*: usos e gramaticalização do item linguístico *meio* no vernáculo conquistense. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, 2016. 101f.

LIMA, Gilsleide Cristina Barros; SOUSA, Valéria Viana; SILVA, Jorge Augusto Alves da. O emprego da locução [*meio + que*]: um enfoque funcionalista no vernáculo conquistense. *Entrepalavras*, v. 7, p. 57-75, Fortaleza, jan./jun. 2017.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

NOGUEIRA, Priscilla de Almeida. *Ele quase chegou perto. Er war knapp dran*: estratégias de imprecisão como recurso de enriquecimento cultural. Tese de doutorado. USP. São Paulo, 2019.

OLIVEIRA, Mariangela R. Gramaticalização de construções como tendência atual dos estudos funcionalistas. *Estudos Linguísticos*, 42(1), p. 148-62, 2013.

ROSÁRIO, Ivo da C. do; OLIVEIRA, Mariangela R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, 60(2), p. 233-59, 2016.

SOARES, Caroline; FERRARI, Lilian. Ainda não se acostumaram ao novo normal?: uma análise funcional-cognitiva da construção “novo normal”. *Letras Escreve*, v. 11, n. 1, p. 155-68, Macapá, 1º sem., 2021.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Trad. de Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha Petrópolis: Vozes, 2021.